



Representações sociais de ciganos: ancoragem histórica, categorização social e a invenção do outro cigano

Social representations of gypsies: historical anchoring, social categorization and invention of the gypsy other

Mariana Bonomo

Universidade Federal do Espírito Santo
Brasil

Giannino Melotti

Università di Bologna
Itália

Lorena Schettino Lucas

Roberta Rangel Batista

Greyc Kelle de Andrade Cardoso

Isabele Santos Eleotério

Universidade Federal do Espírito Santo
Brasil

Resumo

O tempo histórico manifesta o trabalho de elaboração dos grupos humanos na construção de diferentes objetos sociais que constituem a vida social. A partir do objetivo de se refletir sobre as representações sociais de ciganos entre não-ciganos, participaram do estudo 319 sujeitos, com idades entre 17 e 54 anos. A coleta dos dados foi realizada por meio da aplicação de questionários e o tratamento dos dados foi conduzido por intermédio da análise fatorial de correspondência, análise de cluster, análise de conteúdo categorial-temática e teste qui-quadrado. Nos resultados, foram identificadas três diferentes representações sociais sobre os ciganos a partir da imagem da cigana vidente, de uma cultura de liberdade e como indesejáveis, associadas a justificativas centradas na experiência do sujeito, em explicações endógenas ao grupo e comparativas entre ciganos e não-ciganos. Essa configuração orientou o debate sobre a produção de significados de densidade social a partir da ancoragem histórica.

Palavras-chave: ciganos; psicologia social; representações sociais.

Abstract

Historical time manifests the work of elaboration of human groups in the construction of different social objects that constitute social life. Based on the objective of reflecting on the social representations of gypsies amongst non-gypsies, 319 subjects, aged between 17 and 54 years, participated in the study. Data collection was carried out through the application of questionnaires and data processing was conducted through correspondence factor analysis, cluster analysis, thematic-categorical content analysis and chi-square test. In the results, three different social representations about gypsies were identified as



the image of the fortune teller gypsy, as a culture of freedom and as undesirable, associated with justifications centered on the subject's experience, in endogenous explanations to the group and comparisons between gypsies and non-gypsies. This configuration guided the debate on the production of meanings of social density from the historical anchoring.

Keywords: gypsies; social psychology; social representations.

Introdução

A história que conhecemos acerca dos povos que são genericamente denominados de ciganos é baseada em um conjunto de informações, registradas em documentos oficiais, jornais, obras literárias e artísticas de diferentes naturezas, produzidas, sobretudo, por autores não-ciganos (Teixeira, 2008)¹. Logo, na história sobre ciganos, é possível encontrar representações daqueles que entraram em contato com os ciganos ao longo da sua diáspora e, simultaneamente, os recriaram em seus relatos a partir de suas próprias referências e imaginário (Ferrari & Fotta, 2014). A imagem dos ciganos encontrada nos registros históricos, portanto, varia conforme quem os concebeu, tendo em vista as épocas e os lugares nos quais tais definições foram criadas e reproduzidas.

De acordo com Fazito (2006), a imagem dos ciganos foi historicamente construída como espelho que reflete o que a sociedade ocidental considerava como negativa em certo período, ou seja, o cigano foi tido como *selvagem, imoral, ignorante, herege, indolente, bárbaro e perigoso*. Outros estudos também evidenciam que os ciganos foram alvo de preconceitos e de discriminações ao serem associados à violência, ao crime e a desvios de cunho moral (e.g. Andrade Júnior, 2013; Lima, Faro & Santos, 2016; Moscovici, 2009; Villano, Fontanella, Fontanella & Di Donato, 2017), de modo que a descrição dos ciganos a partir de elementos com conotação negativa ainda se faz presente na atualidade (e.g. Bonomo, Cardoso, Faria, Brasil & Souza, 2017; Lima e outros, 2016; Schneeweis, 2017; Villano e outros, 2017). Por outro lado, os ciganos também tiveram diversas versões romantizadas para descrevê-los, através de representações com elementos positivamente valorizados em produções culturais e artísticas que enalteciam a mística e a corporeidade ciganas (Hilkner & Hilkner, 2012; Schiff, 2018). Nessa perspectiva, estudos recentes evidenciam que a imagem dos ciganos na mídia ainda tem se mantido a partir de uma visão folclorizada, centrada, especialmente, na figura da cigana quiromante (Schneeweis & Foss, 2017; Villano e outros, 2017), sem análise crítica sobre as condições de vida dos ciganos em

¹ Pesquisa apoiada do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.



território nacional ou preocupação voltada para sua cultura e modo de vida (Brasil, 2013a, 2013b, 2016, 2018; Cardoso & Bonomo, 2019).

A curiosidade e o encantamento direcionados aos ciganos são estimulados por produtos de comunicação de massa, como a telenovela “Explode Coração”, exibida no Brasil em 1995. Nesse caso, há que se considerar que a influência das telenovelas extrapola a função de entretenimento, pois “mobiliza as experiências pessoais dos indivíduos, fazendo com que elas se desloquem do campo do privado para o espaço público de reflexão coletiva, construção de identidades, justificação recíproca e questionamento de valores” (Marques, 2015, p. 320). Além disso, a cultura cigana ou a “ciganidade” (Andrade Júnior, 2013), ao preservar sua memória por meio da tradição oral, inscreve no corpo a sua documentalidade em três dimensões: nas indumentárias, nos gestos e nos movimentos corporais (Hilkner & Hilkner, 2012). Não por acaso, essas dimensões são exibidas em produções cinematográficas, como no filme “Dança, Amor e Ventura” de 1927.

O conjunto de significados a partir das representações dos não-ciganos sobre os ciganos, amplamente difundidas em diferentes contextos e temporalidades, portanto, inclui a imagem de ciganos como um povo livre e alegre, despertando curiosidade e admiração, bem como significados que os qualificam negativamente, como *ladrões*, *sujos* e *praguejantes*, causadores de mal-estar, aversão e medo entre os não-ciganos (Bonomo e outros, 2012; Moonen, 2012; Perez, Moscovici & Chulvi, 2007). Considerando essas ambiguidades presentes nas representações dos ciganos, Bonomo, Melotti e Pivetti (2017) apontam que as representações sociais sobre as mulheres ciganas estão associadas a imagens romantizadas da dança, da sensualidade e da alegria, ao mesmo tempo em que essas ciganas são discriminadas e estigmatizadas com os clássicos estereótipos de *rogadoras de pragas*, *sujas* e *ladras* (Hancock, 2008; Jovanović, Kóczé & Balogh, 2015; Ravnbøl, 2010). Conforme ressalta Rea (2017, p. 46), “a dupla genealogia de raça e gênero e a inseparabilidade das diferentes e conjuntas formas de opressão constituem um elemento central para situar a condição das mulheres ciganas”.

Tremlett (2017) evidencia que existe uma grande lacuna entre o modo como os ciganos são representados nos discursos públicos hegemônicos e as suas reais vivências, tendo em vista que diversos grupos ciganos continuam sendo, frequentemente, retratados como um povo *passivo*, *infeliz* ou *perigoso*. A autora também enfatiza que tais abordagens são comuns para outras minorias sociais tradicionais, que são infantilizadas na intenção de justificar formas de controle mais “paternalistas”. Logo, ao representar os povos ciganos tradicionais como *primitivos* ou *selvagens*, tais representações também têm sido utilizadas como



justificativas para o controle social, a agressão, a exploração e a implantação da ideologia de dependência de outros grupos (Andrade Júnior, 2013; Moscovici, 2009).

Segundo Schiff (2018), por causa de os estereótipos acerca dos ciganos estarem longe do dia-a-dia e da realidade cotidiana da vida cigana, alguns grupos ciganos que não se enquadram no “protótipo” de cigano presente no imaginário social são tidos como “invisíveis”, podendo não ser categorizados como ciganos por grande parte da população não-cigana. Powell (2008), no entanto, argumenta que, além das características relacionadas à etnia, imagens presentes nos meios de comunicação e marcadores culturais que diferenciam ciganos e não-ciganos, bem como a discriminação e a exclusão sociais dos ciganos estariam relacionadas ao poder, ou seja, ao *status* que diferencia e marca as relações sociais cotidianas entre os ciganos e *gadjés* (não-ciganos). Nessa perspectiva, a discriminação social dos ciganos estaria relacionada a uma relação de desidentificação, que envolve um distanciamento dos ciganos e a construção de uma imagem estereotipada de *ameaça* e/ou de *eternos estrangeiros* (Bonomo e outros, 2017). Desse modo, tanto as imagens positivamente romantizadas quanto aquelas carregadas de estereótipos negativos estariam servindo para delimitar margens que separariam os ciganos das demais sociabilidades consideradas legítimas. Conhecer essas representações sociais e sua dinâmica de construção torna-se, portanto, uma tarefa de grande importância no contexto social contemporâneo.

1. Teoria das Representações Sociais

Orientada por uma leitura psicossocial da realidade, a Teoria das Representações Sociais defende que os fenômenos humanos são construídos dentro de um processo dinâmico e histórico, sendo o indivíduo compreendido como sujeito ativo e construído socialmente (Santos & Almeida, 2005), posto que “são alimentadas tanto por conhecimentos oriundos da experiência cotidiana como pelas reapropiações de significados historicamente consolidados” (Villas Bôas, 2010, p. 380). De fato, segundo Jodelet e Haas (2014), considerando a temporalidade histórica como categoria de análise no campo psicossocial de investigação, encontra-se “a memória como representação do passado, a representação como memória, e ocorrência recíproca entre processos mnêmicos e processos representacionais” (p. 141 – tradução nossa), evidenciando a própria condição inerente dessa esfera na formulação das representações sociais como fenômenos que compõem a vida social cotidiana (Jodelet, 2015; Queiroga & Nascimento, 2019).



Na gênese das representações sociais como fenômeno, apresenta-se o processo sociocognitivo e psico-histórico da ancoragem (Jodelet, 2005, 2015; Moscovici, 2003, 2009; Villas Bôas, 2015), que se refere aos sistemas de informações consolidados no pensamento social como pontos de referência para o ordenamento do mundo simbólico, a partir do qual as informações sobre os objetos são interpretadas e ancoradas em um sistema de pensamento preexistente (Cabecinhas, 2004; Galli, 2006). Ou seja, a ancoragem possui um papel essencial na construção das representações sociais, visto que “permite ao indivíduo integrar o objeto da representação em um sistema de valores que lhe é próprio, denominando-o e classificando-o em função dos laços que este objeto mantém com sua inserção social” (Trindade, Santos & Almeida, 2011, p.110).

Nesta perspectiva, o processo de ancoragem aproxima-se da categorização social, promovendo a organização das estruturas semânticas em categorias, que ganham sentidos através das representações sociais; em outras palavras, a ancoragem consiste em classificar e atribuir nome à “coisa” até então desconhecida (Galli, 2006; Moscovici, 2005). A categorização social é um processo que contribui para o ordenamento do mundo social, posto que atua na elaboração de categorias sociais de referência aos indivíduos, grupos e sociedades (Palmonari, Cavazza & Rubini, 2002; Tajfel, 1983), oferecendo condições para a criação da realidade social e organização dos indivíduos e grupos na esfera da estrutura social. O processo permite, ainda, a elaboração de estereótipos, que podem atuar protegendo os indivíduos que pertencem a determinado grupo em detrimento de outros, munindo-os de recursos simbólicos para o exercício da diferenciação social, mas podem também produzir preconceito e discriminação social entre grupos sociais em oposição na relação social estabelecida (Palmonari e outros, 2002), como evidenciado na realidade social vivenciada por muitos grupos ciganos (Moscovici, 2009; Perez e outros, 2007).

Tendo em vista os diversos contextos históricos de produção de significados sobre os grupos ciganos, o presente estudo se apoia na perspectiva da abordagem não consensual da Teoria das Representações Sociais para análise do fenômeno em estudo. A abordagem não consensual, também conhecida como abordagem Societal, foi desenvolvida por Doise (1986), na Escola de Genebra, a partir da criação do laboratório de Psicologia Social Experimental.

Almeida (2009) defende que o intuito desta abordagem é a conexão entre o indivíduo e o coletivo, considerando as representações sociais como princípios geradores de tomadas de posição e marcas da localização do grupo na estrutura social (Almeida, 2009; Mazotti & Campos, 2011). É nominada não consensual devido à proposição de que o consenso se refere ao reconhecimento da existência



de certas ideias no meio social, sem que cada grupo esteja, necessariamente, de acordo com elas, podendo gerar diferentes tomadas de posição (Mazotti & Campos, 2011). Os indivíduos assumem posições frente a um objeto social e o estruturam de acordo com princípios originados em seus grupos e, dessa forma, são capazes de ancorar novas informações em suas crenças já estabelecidas (Clémence, Green & Courvoisier, 2011).

Ao empenhar-se em relacionar as realidades dos fenômenos psicológicos e sociais, esta vertente busca compreender as representações sociais a partir de quatro níveis de análise (Almeida, 2009; Doise, 1986; Wachelke & Camargo, 2007), quais sejam: (1) intra-individual, que organiza a maneira pela qual o indivíduo se relaciona com o meio; (2) interindividual, que busca debruçar-se sobre os processos das dinâmicas interacionais; (3) intergrupais, que considera as diferentes posições que os indivíduos ocupam na sociedade por meio das inserções grupais; e (4) societal, que destaca os sistemas de crenças, representações, avaliações e normas sociais, concebendo as culturas e ideologias presentes nos grupos e nas sociedades, e que imprimem significados aos comportamentos dos indivíduos.

Doise (1986), ao destacar a inserção social como fonte de variação das representações sociais, defende que os processos através dos quais os indivíduos funcionam em sociedade são guiados por dinâmicas sociais (Mendonça & Lima, 2014; Trindade e outros, 2011). O desenvolvimento desta vertente visa enfatizar o processo de ancoragem, evidenciando a importância dos determinantes sociais e da necessidade de se compreender os princípios que organizam as representações sociais (Arruda, 2002). Alguns autores chegam a afirmar que a variabilidade do campo representacional é de tal maneira relacionada às inserções grupais que nessa dinâmica se produziriam representações intergrupais, próprias dessa dimensão social (Moliner, Lorenzi-Cioldi & Vinet, 2009; Vinet & Moliner, 2006).

Assim, o paradigma das três fases ou modelo tridimensional proposto por esta abordagem contribui para que as representações sociais sejam estudadas conforme a articulação psicossocial, entre o individual e o coletivo (Almeida, 2009). Doise (2002) explica que a primeira fase, ou hipótese, salienta os elementos de base comum das representações sociais, ou seja, o campo comum. Já a segunda refere-se à natureza das diferenciações nas tomadas de posição dos indivíduos frente aos objetos de representação. Logo, nesta segunda fase, propõe-se a análise dos princípios que organizam as representações, evidenciando como e por que os indivíduos se diferenciam entre si frente ao campo representacional. Por fim, na terceira fase, ou fase das ancoragens, as representações sociais são criadas



a partir da percepção que os indivíduos possuem baseados em suas relações e experiências em grupos e categorias sociais.

O estudo das representações sociais sobre os ciganos, segundo abordagem não consensual, torna-se relevante, portanto, ao permitir compreender não apenas os elementos presentes no imaginário social acerca dos ciganos e a sua variabilidade em função dos sujeitos da representação, mas contribui também para se refletir sobre a dimensão histórica que se manifesta em conteúdos naturalizados em práticas cotidianas na atualidade, orientando e justificando violências de diferentes ordens.

Método

Considerando a natureza exploratória dos objetivos estabelecidos para desenvolvimento desse estudo, foram adotados procedimentos metodológicos que integram a abordagem não consensual no estudo das representações sociais a estratégias qualitativas para aprofundamento da reflexão sobre os significados que compõem o campo representacional em análise.

Participaram deste estudo 319 pessoas (222 mulheres e 97 homens), com idades entre 17 e 54 anos ($M=22,4$; $DP= 6,17$), moradoras da região da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo/Brasil. No que se refere ao pertencimento étnico-racial autodeclarado dos respondentes, a maioria é negra (54,1%), seguida por brancos (42.9%) e, em menor número, orientais (1.6%) e indígenas (1.3%). Em relação à religião, predominam os católicos (44.7%), somados a mais de um quarto de cristãos evangélicos (26.3%), seguidos pelos ateus (21.1%), pelos membros do espiritismo (5.6%) e das religiões afro-brasileiras Umbanda e Candomblé (1.4%), além daqueles que se declaram, ao mesmo tempo, católicos e espíritas (0.7%) e evangélicos e espíritas (0.3%). Todos os participantes informaram que não eram ciganos e encontravam-se no ensino superior.

O instrumento consistiu em um questionário composto por três conjuntos de informações, sendo eles (i) os dados sociodemográficos dos respondentes (sexo, idade, religião, autoidentificação étnico-racial e escolaridade), (ii) a técnica de associação livre para o termo indutor 'ciganos' ("O que você pensa, sente ou imagina quando eu falo 'ciganos'?") e (iii) questões exploratórias abertas acerca dos elementos evocados pelo respondente na associação livre ("Por que você acha que os ciganos são assim?"). A coleta dos dados foi realizada em diferentes instituições de ensino superior da região da Grande Vitória, Espírito Santo, com um conjunto de sujeitos selecionados por conveniência. Após apresentação dos objetivos e procedimentos da pesquisa, foi obtida a anuência de todos os



indivíduos para a participação no estudo, respeitando os procedimentos de conduta ética na pesquisa científica.

Os dados obtidos por meio da técnica da associação livre de palavras foram tratados através da Análise Fatorial de Correspondência (AFC) e da análise de *cluster*, análises que foram realizadas com o auxílio do *software* SPAD-T – *Système Portable pour l'Analyse des Données Textuelles* (Lebart & Salem, 1988). As informações geradas a partir da questão aberta, por sua vez, foram sistematizadas por meio da análise de conteúdo categoria-temática (Bardin, 2002). Nesse caso, utilizou-se como unidade de registro o critério semântico para codificação das categorias pelos juízes, tendo sido usada a análise de conteúdo aberta, em que a “informação a codificar é apresentada ao juiz sem qualquer formatação prévia” (Lima, 2013, p.13). Na primeira rodada de tratamento dos dados, foram utilizados quatro juízes independentes e, na segunda etapa, dois outros juízes foram acionados para os casos em que não havia concordância na codificação. Análises complementares a partir do teste do qui-quadrado foram realizadas por meio do *software* SPSS para investigar a relação entre as justificativas e as posições dos sujeitos frente ao campo representacional.

Resultados

A partir do objetivo de se refletir sobre as representações sociais de ciganos, são apresentados: (i) campo representacional sobre os ciganos, com a descrição dos termos evocados pelos participantes; (ii) projeção desses termos no plano fatorial para identificação da dinâmica que organiza esse campo de significação; (iii) sua clusterização, com a formação de grupos de sujeitos em função de conteúdo característico; (iv) por que os ciganos são assim, cuja interrogação permitiu a elaboração, pelos participantes, de justificativas que consideraram tanto a fonte da informação assumida pelo sujeito quanto a caracterização apresentada para o objeto de representações; e (v) relação entre as justificativas e as posições dos sujeitos frente ao campo representacional.

O campo semântico que constitui o objeto social para os sujeitos da representação organiza-se a partir de uma variedade de significados, apoiados em diferentes imagens sobre o povo cigano, conforme dados apresentados na Tabela 1.



Tabela 1. Frequência absoluta dos termos evocados para 'ciganos'

Evocações	f	Evocações	f	Evocações	f
Nômades	214	Ouro	33	Perturbam	17
Tendas	89	Vestidos diferentes	32	Coloridos	17
Leem a mão	79	Liberdade	31	Ricos	17
Cultura	52	Pobres	25	Família	16
Grupo	49	Mulheres	25	Preguiçosos	16
Danças	48	Tradições	23	Ladrões	15
Misticismo	44	Espertos	23	Dentes de ouro	14
Diferentes	39	Não trabalham	23	Saias longas	13
Sujos	37	Vestidos	20	Magia	13
Videntes	36	Dinheiro	20	Joias	12
Enganadores	34	Alegres	19	Discriminados	11
Vestidos coloridos	34	Comerciantes	18	Música	11

Considerando os elementos com frequência igual ou superior a 11, compõem o *corpus* de dados em análise 1.219 evocações associadas ao termo indutor ciganos, que correspondem a 36 elementos diferentes, com média de 3.8 evocações por participante.

Na Figura 1 (conferir próxima página), pode-se conferir a AFC, com a projeção das palavras que contribuem para a formação dos fatores, tendo sido utilizada a regra $c.a. \geq 100/n$ de palavras, ou seja, $c. a. \geq 2.77$, para determinar o nível de aceitação dos termos significativos.

No Fator 1 (Figura 1), se contrapõem as imagens dos ciganos a partir da ideia de uma *cultura de trapaça* vs. *cultura da alegria*. Contribuem, portanto, para a formação do polo negativo do primeiro fator os elementos: *perturbam* (c.a.=15.2), *espertos* (c.a.=9.7), *não trabalham* (c.a.=6.1), *preguiçosos* (c.a.=12.9), *sujos* (c.a.=12.1) e *enganadores* (c.a.=10.2). Já no polo positivo, se projetam as palavras *dança* (c.a.=5.3), *cultura* (c.a.=4.7) e *música* (c.a.=6.1). No segundo fator, no polo negativo, reúnem-se significados que compõem a imagem das ciganas quiromantes (*mulheres*, c.a.=4.6; *videntes*, c.a.=3.8) nas *tendas* ciganas (c.a.=7.2), com seus *vestidos coloridos* (c.a.=4.2) e *dentes de ouro* (c.a.=8.2), e que *leem mão* (c.a.=14.4) para conseguir *dinheiro* (c.a.=3.5). No polo positivo desse fator, são focalizados elementos que se referem à dimensão da organização familiar e grupal (*família*, c.a.=3.6; *grupo*, c.a.=4.6), bem como da *cultura* (c.a.=3.2) e *tradições* (c.a.=9.0), em que se destaca a ideia dos ciganos como livres e cheios de esperteza (*liberdade*, c.a.=6.8; *espertos*, c.a.=4.1).

Por meio da análise de *cluster*, foram identificadas três diferentes representações sociais sobre os ciganos, como pode ser verificado na Tabela 2 (conferir próximas páginas).

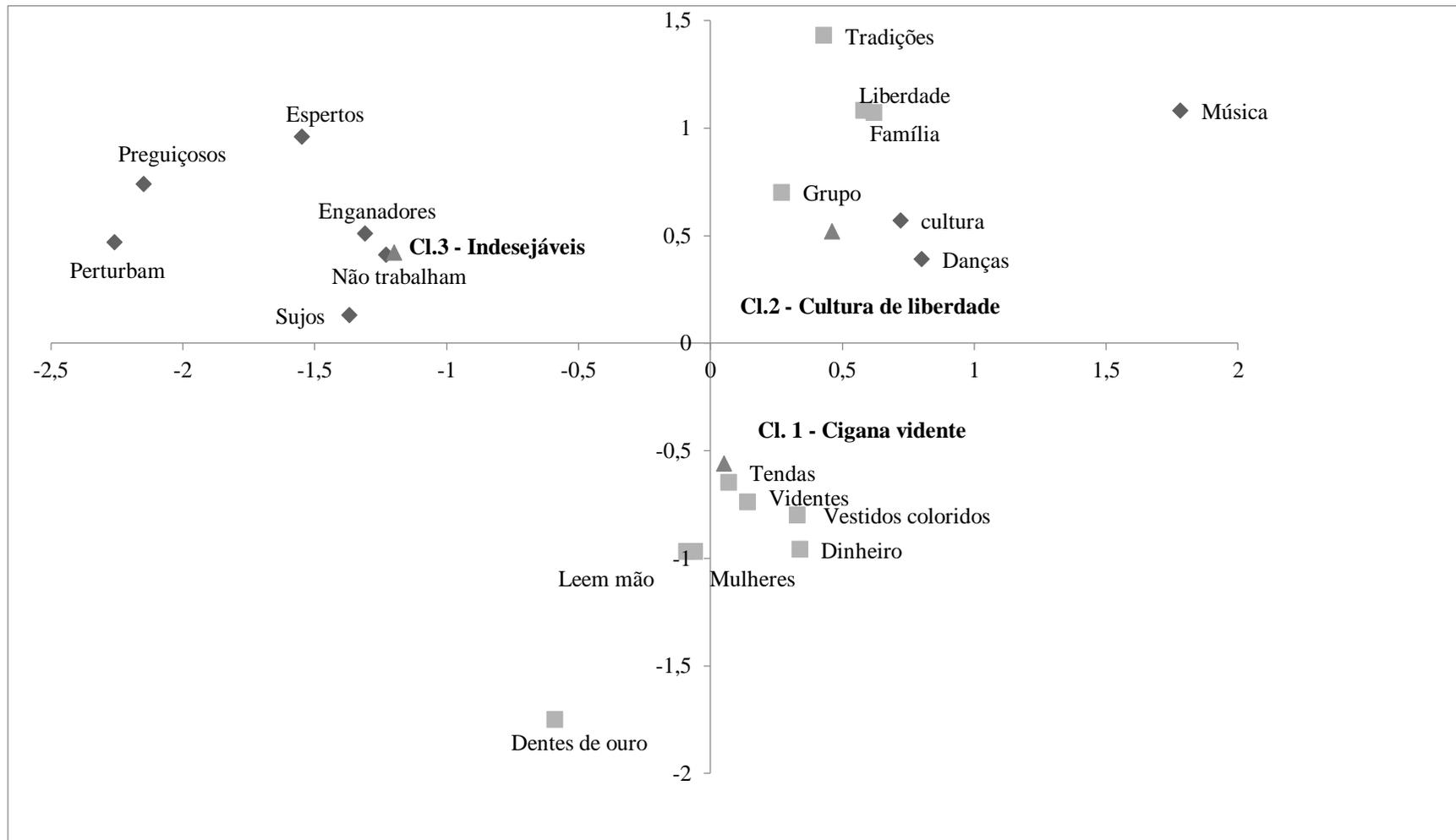


Figura 1. Análise fatorial de correspondência



Tabela 2. Clusters de sujeitos em função das representações sociais de ciganos

Cluster 1 (142 sujeitos)		Cluster 2 (121 sujeitos)		Cluster 3 (56 sujeitos)	
Cigana vidente		Cultura de liberdade		Indesejáveis	
Elemento	V-test	Elemento	V-test	Elemento	V-test
Leem mão	7.70	Cultura	6.10	Sujos	7.00
Tendas	5.13	Liberdade	6.04	Perturbam	6.95
Videntes	4.43	Danças	5.57	Preguiçosos	6.69
Dinheiro	4.42	Grupo	5.10	Espertos	6.05
Mulheres	3.68	Tradições	4.27	Enganadores	5.97
Dentes de ouro	3.37	Alegres	3.99	Não trabalham	2.49
Saias longas	3.18	Música	3.38		
Vestidos coloridos	3.04	Família	3.35		
Ouro	2.89	Diferentes	2.95		
Vestidos	2.84	Misticismo	2.21		
Pobres	2.80	Coloridos	2.06		
Jóias	2.31				

Nota. Listagem dos termos mais frequentes segundo critério V-test $\geq |2|$.

O cluster 1, *cigana vidente*, apresenta a dimensão icônica centrada na imagem da mulher cigana, ambientada nas tendas ciganas, e é composto por 142 sujeitos, que evocaram elementos que retratam, principalmente, a quiromancia (leem mão e videntes) e a indumentária feminina (saias longas, vestidos, vestidos coloridos, ouro, dentes de ouro e jóias). A ideia da cigana 'pobre' que faz 'leitura de mão' para conseguir 'dinheiro' também está presente nesse cluster. Associados à descrição de elementos culturais, os 121 participantes que formam o segundo grupo (*Cultura de liberdade*) destacaram significados referentes à tradição, costumes e estilo de vida. Já o cluster 3 *Indesejáveis* (formado por 56 pessoas) foi assim denominado por tratar de elementos com conotação negativa, indicando a elaboração de uma imagem caracterizada por elementos como 'sujos', 'perturbam' e 'preguiçosos', entre outros.

A partir das justificativas apresentadas pelos participantes às evocações para o termo indutor 'ciganos', três diferentes macro-categorias foram identificadas (Ver Tabela 3): (i) *experiência do sujeito* em relação aos ciganos (ouvi falar, vi na mídia, já vi ciganos e já quisera ler minha mão); (ii) *explicações endógenas ao grupo*, onde são mencionados transmissão geracional, nomadismo, poder de ler o futuro, vida grupal e cultura como dimensões explicativas à forma como veem os ciganos, que imprimem certa tautologia à dinâmica; e (iii) *explicações comparativas ciganos/não-ciganos*, que dizem respeito a marcadores de diferenças (modo de vida tido como diferente e sem apego material) e de influências mútuas entre os dois universos (excluídos pela sociedade não cigana



vs. vistos como cheios de esperteza para enganar os não-ciganos). Respostas sem argumentação, do tipo “não sei”, podem ser vistas como não motivação ou falta de tempo para responder às perguntas do questionário, além do conhecimento específico sobre o que foi solicitado (Zammuner, 1998).

A fim de analisar a relação entre as justificativas e as posições dos sujeitos frente ao campo representacional, procedeu-se a análise dos resíduos padronizados e corrigidos, obtidos a partir da aplicação do teste do χ^2 ao cruzamento das categorias geradas pela análise de conteúdo vs. *clusters* (Tabela 3).

Os resultados indicaram que as representações sociais de ciganos a partir da imagem da *Cigana vidente* (cluster 1) são justificadas pela dimensão da *experiência do sujeito* a partir da tentativa de leitura de mão (*Elas já quiseram ler a minha mão*), prática que também é entendida pelas pessoas desse grupo como forma de ganhar dinheiro (*Fazem leitura de mão para ganhar nosso dinheiro*), e pela ideia genérica da diferença orientada pela cultura (*Acho que é cultural eles serem assim*). Já as pessoas que formam o segundo cluster (*Cultura de liberdade*), estas apresentaram mais frequentemente as categorias “São assim por causa da vida grupal”, “Porque são excluídos pela nossa sociedade” e porque “Eles não têm apego material como nós”, sugerindo a composição de um campo representacional comparativo que focaliza os efeitos negativos da relação entre os dois universos cigano-gadjé (exclusão social dos ciganos) e diferenças de valores sociais atribuídos à forma como vivem os ciganos (em grupo e desapegados da materialidade). Os sujeitos do cluster 3, por sua vez, composto por aqueles que veem os ciganos como ‘Indesejáveis’, escolheram mais frequentemente a justificativa “São cheios de esperteza para nos enganar”, configuração que manifesta, de modo mais evidente, os efeitos negativos da construção histórica de significados sobre os ciganos.



Categorias		Cluster 1 Cigana vidente (n=142)			Cluster 2 Cultura de liberdade (n=121)			Cluster 3 Indesejáveis (n=56)			Chi2	Df	Exact p	F
		f	%	Res. Std. Corr.	f	%	Res. Std. Corr.	f	%	Res. Std. Corr.				
Experiência do sujeito	Ouvi falar que os ciganos são assim	16	11.3	0	11	9.1	-1.0	09	16.1	1.2	1.86	2	n.s.	36
	Vi na mídia que eles são assim	10	7	-.5	12	9.9	1.1	03	5.4	-.8	1.33	2	n.s.	25
	Já vi ciganos e acho que eles sejam assim	13	9.2	1.0	07	5.8	-.9	04	7.1	-.1	1.08	2	n.s.	24
	Elas já quiseram ler a minha mão	05	3.5	2.5	00	0	-1.8	00	0	-1.0	6.33	2	.05	05
Explicações endógenas ao grupo	São assim por causa da transmissão entre gerações	10	7.0	.5	06	5.0	-.8	04	7.1	.3	0.57	2	n.s.	20
	São nômades por natureza	25	17.6	1.5	16	13.2	-.5	05	8.9	-1.3	2.68	2	n.s.	46
	Eles têm o poder de ler o futuro	03	2.1	-.9	03	2.5	-.5	04	7.1	1.9	3.62	2	n.s.	10
	São assim por causa da vida grupal	00	0	-3.6	14	11.6	4.5	01	1.8	-1.1	20.81	2	.000	15
	Acho que é cultural eles serem assim	22	15.5	2.5	09	7.4	-1.5	03	5.4	-1.4	6.46	2	.04	34
Explicações comparativas ciganos/não- ciganos	Escolheram um modo de vida diferente do nosso	35	24.6	-1.2	42	34.7	2.1	12	21.4	-1.2	4.70	2	n.s.	89
	Porque são excluídos pela nossa sociedade	02	1.4	-2.2	09	7.4	2.4	02	3.6	-.2	6.12	2	.05	13
	São cheios de esperteza para nos enganar	06	4.2	-2.4	01	0.8	-3.8	20	35.7	8.1	66.08	2	.000	27
	Fazem leitura de mão para ganhar nosso dinheiro	06	4.2	2.8	00	0	-1.9	00	0	-1.1	7.62	2	.02	06
	Eles não têm apego material como nós	02	1.4	-2.0	10	8.3	3.3	00	0	-1.6	11.14	2	.004	12
	Não sei	06	4.2	.4	04	3.3	-.3	02	3.6	-.1	0.16	2	n.s.	12



Os resultados indicaram que as representações sociais de ciganos a partir da imagem da *Cigana vidente* (cluster 1) são justificadas pela dimensão da *experiência do sujeito* a partir da tentativa de leitura de mão (*Elas já quiseram ler a minha mão*), prática que também é entendida pelas pessoas desse grupo como forma de ganhar dinheiro (*Fazem leitura de mão para ganhar nosso dinheiro*), e pela ideia genérica da diferença orientada pela cultura (*Acho que é cultural eles serem assim*). Já as pessoas que formam o segundo cluster (*Cultura de liberdade*), estas apresentaram mais frequentemente as categorias “São assim por causa da vida grupal”, “Porque são excluídos pela nossa sociedade” e porque “Eles não têm apego material como nós”, sugerindo a composição de um campo representacional comparativo que focaliza os efeitos negativos da relação entre os dois universos cigano-gadjé (exclusão social dos ciganos) e diferenças de valores sociais atribuídos à forma como vivem os ciganos (em grupo e desapegados da materialidade). Os sujeitos do cluster 3, por sua vez, composto por aqueles que veem os ciganos como ‘Indesejáveis’, escolheram mais frequentemente a justificativa “São cheios de esperteza para nos enganar”, configuração que manifesta, de modo mais evidente, os efeitos negativos da construção histórica de significados sobre os ciganos.

Discussão

Tendo em vista o objetivo de conhecer o campo representacional ou as diferentes representações sociais elaboradas sobre os ciganos entre gadjé ou não ciganos, foi possível identificar representações sociais a partir da imagem da cigana vidente, da ideia de cultura de liberdade e dos ciganos como indesejáveis. A AFC confirmou a dinâmica entre esse conjunto de significados mostrando oposições e confluências, como culturas da trapaça e da alegria, e significados centrados na imagem da cigana e de práticas a ela atribuídas. Por meio da análise das justificativas e contextualizações apresentadas pelos sujeitos da representação, foi possível verificar, ainda, a atuação de processos psicossociais que agem como organizadores e referência para sua elaboração, cujos efeitos da categorização ancoram-se na construção histórica de significados propagados sobre os ciganos (Jodelet, 2005, 2015; Jodelet & Haas, 2014; Moscovici, 2003, 2009; Villas Bôas, 2015). De fato, como discutem Trindade e outros (2011), “o caldo da história que acolhe o pensamento social, as produções culturais e jogos sociais que entram em ação na fabricação das RS nos parecem ser o cimento desta possível articulação, a ser explicada a partir dos processos de ancoragem” (p. 118).

No imaginário social, em diferentes países e contextos, são as mulheres ciganas as representantes do povo cigano em geral (Hancock, 2008; Jovanović e outros, 2015; Ravnø, 2010). Nos resultados identificados, conforme Cluster 1 e polo negativo do Fator 2 da AFC, bem como na análise das justificativas com associação à quiromancia (Tabela 3), foi possível verificar a saliência dessa imagem para composição das representações sociais de ciganos. De acordo com Rea (2017, p. 47), “os preconceitos e estereótipos racistas e ciganofóbicos aos quais estas mulheres são submetidas são sempre coproduzidos por marcas de gênero e por conotações fortemente sexualizadas”, aparecendo como sedutoras, ladras de crianças ou bruxas em diferentes produtos culturais propagados ao longo do tempo (Bonomo e outros, 2017; Rea, 2017).

A prática do nomadismo, geralmente vista pela hegemonia não-cigana como característica própria e intrínseca à ciganidade, também pode ser analisada como expressão dos processos de exclusão vivenciados por grupos ciganos (Moonen, 2012; Moscovici, 2009). Apesar disso, tem-se a ideia romantizada do nomadismo como forma de liberdade e desapego, conforme dados do Cluster 2 (Cultura de liberdade) (Hilkner & Hilkner, 2012; Schiff, 2018). Para Fazito (2006, pp. 717-718), essa imagem do nomadismo atua “como símbolo inscrito em um campo de forças em que as relações assimétricas hierarquizadas, interna e externamente, entre ciganos e *gadjé* configuram uma teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais responsáveis pela justificação e legitimidade dos posicionamentos e discriminações”. Por outro lado, como instrumento de defesa e enfrentamento às diferentes formas de exclusão social, Andrade Júnior (2013, p. 98), também discorrendo sobre essa prática, apresenta a interpretação de que ser “estranho ao outro é uma das táticas encontradas por eles para não segmentar suas práticas e, de certa forma, amalgamar seus discursos como grupo social”. Seja por uma esfera ou outra, evidencia-se o efeito de resposta às diferentes sociedades de contato que ao longo da história e também na temporalidade presente têm marginalizado e excluído o povo cigano. Não escapam, portanto, às justificativas sobre ausências de políticas públicas pró-ciganas no Brasil o entendimento de que os ciganos, como “nômades por natureza”, não precisam ser pensados nas diferentes frentes de defesa de direitos fundamentais (Brasil, 2013a, 2013b, 2016, 2018), reforçando práticas discriminatórias de diferentes ordens (Schiff, 2018; Tremlett, 2017).

A negação, portanto, do modo de vida cigano, geralmente visto como estranho e ameaçador, também é uma das marcas do contato entre as duas culturas em muitos territórios, especialmente no que se refere aos grupos mais tradicionais, sustentada em oposições como: sedentarização vs. nomadismo;

moradia em casas vs. em barracas; além do uso de roupas típicas, a língua de domínio exclusivo do grupo, cultura com transmissão oral, crenças e regras endogrupais próprias (Bonomo e outros, 2012; Lima e outros, 2016; Perez e outros, 2007; Powell & Lever, 2017; Schneeweis, 2017; Villano e outros, 2017). O terceiro cluster (ciganos como 'indesejáveis') e o polo positivo do Fator 1 ('Cultura da trapaça'), bem como a ideia de que os ciganos seriam dessa forma porque "têm esperteza para ganhar dinheiro dos não-ciganos" (Tabela 3), denunciam esse processo (Andrade Júnior, 2013; Lima, Faro & Santos, 2016; Moscovici, 2009; Villano, Fontanella, Fontanella & Di Donato, 2017).

Apesar da exaltação e da promoção da ideia do exótico e do diferente, a relação com os ciganos tem sido marcada pela exclusão e pela concepção de um povo que é visto como indesejável em muitas localidades (Moscovici, 2009). Logo, simultaneamente, evidencia-se na mídia e no imaginário social uma representação ambígua sobre os ciganos, tendo, de um lado, a imagem mística e positivamente folclorizada da cultura cigana e, do outro, a imagem dos ciganos como grupo problemático (Schneeweis, 2017). Alguns estudos (e.g. Bonomo e outros, 2012; Powell & Lever, 2017; Villano e outros, 2017) enfatizam essa perspectiva ao apontarem que, mesmo quando os ciganos são descritos através de uma imagem aparentemente mais positiva, ainda identifica-se a manutenção de fronteiras que os separam da população não-cigana, servindo como justificativas para um processo de desqualificação e de ontologização dos ciganos, a partir de processos de infra-humanização e de desumanização (Lima e outros, 2016; Perez e outros, 2007).

O tempo histórico manifesta, portanto, o trabalho de elaboração dos grupos humanos na construção de diferentes objetos sociais que constituem a vida social (Jodelet, 2005, 2015). Conhecer esse processo de construção dos significados permite desmistificar naturalizações que orientam práticas sociais na temporalidade presente, geralmente utilizadas para invisibilizar e justificar diferentes formas de violência. Na cultura ocidental, a função expiatória parece ter sido uma dinâmica atuante na história dos ciganos, conforme observado por (Fazito, 2006), que chama a atenção para o "efeito de 'nomeação', aquilo que se atribui ao Outro descolado de toda a interação e disputa anterior efetiva, ou seja, efeito do espelho em negativo daquilo que se quer negar sobre si mesmo" (p. 697). Nessa esfera, a categorização social (Palmonari e outros, 2002) inclui a dinâmica do estranho-familiar, selecionando significados para a construção das representações sociais a partir de princípios organizadores que dizem respeito não somente ao objeto de representação, mas aos sujeitos sociais envolvidos nessa tarefa (Almeida, 2009; Doise, 2002).

A invenção, portanto, dos ciganos a partir de lendas e credices encontra pontos de ancoragem ao longo da história, se renovando por meio de estereótipos propagados em diferentes formas de comunicação na atualidade (Ferrari & Fotta, 2014; Teixeira, 2008). Sobre essa questão, Moscovici (2009) já alertava que o “nó figurativo da representação social dos ciganos penetra e torna-se nó de uma representação social dos não-ciganos, referidos como ‘gadgê’, que, até certo ponto, opera sobre sua história, modo de vida e forma de se conduzir” (p. 667). A tarefa, portanto, de desnaturalizar significados e práticas que operam como contra-força na promoção dos direitos fundamentais dos grupos ciganos no Brasil se alinha com a urgente demanda de elaboração de políticas pró-ciganas efetivas, reconhecendo demandas dos próprios grupos ciganos a partir de sua história e modo de vida.

Considerações finais

Entre os principais resultados encontrados, foram identificadas diferentes representações sociais sobre os ciganos entre não-ciganos, que demonstram a força de sua imagem como povo místico, temido e desapegado da materialidade da vida. Verificou-se ainda que contato com os ciganos e informações veiculadas pela mídia parecem contribuir para esse processo histórico de invenção dos ciganos a partir dos não-ciganos, servindo como força para manutenção de significados cristalizados sobre eles. A análise das narrativas produzidas sobre o objeto de representação, conteúdo que reflete as teorias acionadas pelos sujeitos para explicar o objeto, demonstrou a presença de processos psicossociais que geram e organizam o campo representacional, como a categorização social a serviço do tempo histórico por meio da ancoragem.

Entre as contribuições desse estudo, destaca-se a reflexão sobre a importância de investimento em pesquisas que explorem com maior profundidade a dimensão histórica de construção dos objetos sociais, naturalizadas nas relações em curso, a fim de se construir estratégias mais eficazes de mudança social. Entre os limites do presente estudo, que revelam tarefas para novas pesquisas, destacamos a importância de se utilizar metodologias que permitam identificar os processos psicossociais da construção desses objetos considerando diferentes temporalidades, como estudos documentais, bem como sobre as memórias sociais dos próprios grupos ciganos, passando de uma reflexão sobre a história das representações dos não-ciganos para as memórias da ciganidade.

Referências

- Almeida, A. M. O. (2009). Abordagem Societal das Representações Sociais. *Sociedade e Estado*, 24(3), 713-737.
- Andrade Júnior, L. (2013). Os ciganos e os processos de exclusão. *Revista Brasileira História*, 33(66), 95-112.
- Arruda, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, (117), 127-147.
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads). Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1977).
- Bonomo, M., Cardoso, G. K. A., Faria, J. M. G., Brasil, J. A. & Souza, L. (2017). Os eternos estrangeiros: contato, campo afetivo e representações sociais de ciganos entre não ciganos da grande Vitória/ES. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(3), 1-19.
- Bonomo, M.; Faria, J., Souza, L. & Brasil, J. (2012). Temor e fascínio: dimensão afetiva e representações sociais de ciganos entre população não cigana. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 245-264. <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2012.4903>
- Brasil (2013a). Brasil cigano-Relatório Executivo I Semana Nacional Dos Povos Ciganos, 1-49. SEPPPIR, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Brasília. Recuperado em 13 de janeiro, 2020, de <http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/relatorio-executivo-brasil-cigano.pdf>
- Brasil (2013b). Guia de Políticas Públicas Para Povos Ciganos. SEPPPIR, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Brasília. Recuperado em 13 de janeiro, 2020, de <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos/guia-de-politicas-publicas-para-povos-ciganos/view>
- Brasil (2016). Subsídios para o cuidado à saúde do Povo Cigano. Ministério da Saúde, Brasília. Recuperado em 13 de janeiro, 2020, de http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/subsidios_cuidado_saude_povo_cigano.pdf
- Brasil (2018). Atendimento a povos ciganos no SUAS. Ministério do Desenvolvimento Social, Brasília. Recuperado em 13 de janeiro, 2020, de https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/informe/Povos_Ciganos.pdf
- Cabecinhas, R. (2004). Social representations, intergroup relationships and social cognition. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14(28), 125-137. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200003>

- Cardoso, G. K. A. & Bonomo, M. (2019). Infância calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(esp.), e2222651. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222651>
- Clémence, A., Green, E. G. T. & Courvoisier, N. (2011). Comunicação e ancoragem: a difusão e a transformação das representações. Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs). *Teoria das Representações Sociais – 50 anos* (pp. 238-259). Brasília: Technopolitik.
- Doise, W. (1986). Les Représentations sociales: définition d'un concept. Em W. Doise & A. Palmonari (Orgs). *Textes de base en psychologie: l'étude des représentations sociales* (pp.81-94). Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Doise, W. (2002). Da psicologia social à psicologia societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 27-35.
- Fazito, D. (2006). A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. *Revista de Antropologia*, 49(2), 689-729.
- Ferrari, F. & Fotta, M. (2014). Brazilian Gypsology – a view from anthropology. *Romani Studies* 5, 24(2), 111-136.
- Galli, I. (2006). *La teoria delle rappresentazioni social*. Bologna: Il Mulino.
- Hancock, I. (2008). The "gypsy" stereotype and the sexualization of romani women. Em V. Glajar & D. Radulescu (Orgs). *"Gypsies" in European Literature and Culture* (pp. 181-191). New York: Palgrave Macmillan.
- Hilkner, R. R. & Hilkner, M. (2012). Ciganos: um mosaico étnico. Em *Congresso Internacional de Pedagogia Social*. São Paulo, SP: Associação Brasileira de Educadores Sociais. Recuperado em 13 de janeiro, 2020, de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000092012000200022&lng=en&nrm=abn
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais* (L. Magalhães, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1989).
- Jodelet, D. (2015). *Représentations sociales et mondes de vie*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines.
- Jodelet, D. & Haas, V. (2014). Memorie e rappresentazioni sociali. Em A. Palmonari & F. Emiliani (Orgs). *Psicologia delle rappresentazioni sociali* (pp. 123-147). Bologna: Il Mulino.
- Jovanović, J., Kóczé, A. & Balogh, L. (2015). *Intersections of gender, ethnicity, and class: history and future of the romani women's movement*. Budapest: Central European University.

- Lebart, S. & Salem, A. (1988). *L'analyse statistique de données textuelles*. Paris: Bordas.
- Lima, J. A. (2013). Por uma análise de conteúdo mais fiável. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 47(1), 7-29.
- Lima, M. E. O., Faro, A. & Santos, M. R. (2016). A desumanização Presente nos Estereótipos de Índios e Ciganos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 219-228.
- Marques, A. C. S. (2015). Telenovela e política: perspectivas e modos de abordagem. *Significação*, 42(44), 318-338.
- Mazotti, A. J. A. & Campos, P. H. F. (2011). Cibercultura: uma nova "era" das representações sociais? Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs). *Teoria das Representações Sociais – 50 anos* (pp. 606-649). Brasília: Technopolitik.
- Mendonça, A. P. & Lima, M. E. O. (2014). Representações sociais e cognição social. *Psicologia e Saber Social*, 3(2), 191-206.
- Moliner, P., Lorenzi-Cioldi, F. & Vinet, E. (2009). Utilité sociale des représentations intergroupes de sexe. Domination masculine, contexte professionnel et discrimination positive. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 83(3), 25-44.
- Moonen, F. (2012). *Anticiganismo e Políticas Ciganas na Europa e no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moscovici, S. (2005). *Le rappresentazioni sociali*. Bologna: Il Mulino.
- Moscovici, S. (2009). Os ciganos entre perseguição e emancipação. *Sociedade e Estado*, 24(3), 653-678.
- Palmonari, A., Cavazza, N. & Rubini, M. (2002). *Psicologia sociale*. Bologna: Il Mulino.
- Perez, J. A., Moscovici, S. & Chulvi, B. (2007). The taboo against group contact: Hypothesis of Gypsy ontologization. *British Journal of Social Psychology*, 46, 249-272.
- Pivetti, M., Melotti, G. & Bonomo, M. (2017). An exploration of social representations of the Roma woman in Italy and Brazil: Psychosocial

- anchoring to emotional reactions. *International Journal of Intercultural Relations*, 58, 12-22. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2017.03.001>
- Powell, R. (2008). Understanding the stigmatization of gypsies: power and the dialectics of (dis)identification, *Housing, Theory and Society*, 25(2), 87-109.
- Powell, R. & Lever, J. (2017). Europe's perennial 'outsiders': A processual approach to Roma stigmatization and ghettoization. *Current Sociology*, 65(5), 680-699.
- Queiroga, L. C. & Nascimento, A. R. A. (2019). Senhora das águas e da canção. *Memorandum: memória e história em psicologia*, 36, 1-21.
- Ravnbøl, C. I. (2010). The human rights of minority women: romani women's rights from a perspective on international human rights law and politics. *International Journal on Minority and Group Rights*, 17, 1-45. <https://doi.org/10.1163/157181110X12595859744123>
- Rea, C. A. (2017). Redefinindo as fronteiras do pós-colonial. O feminismo cigano no século XXI. *Revista Estudos Feministas*, 25(1), 31-50. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p311>
- Santos, M. F. S. S. (2005). A Teoria das Representações Sociais. Em M. F. S. Santos & L. M. Almeida (Orgs). *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais* (pp. 13-38). Recife: Ed. Universitária da UFPE/Ed. Universitária da UFAL.
- Schiff, R. A. (2018). The Roma and documentary film: considerations for collection development. *Journal of Librarianship and Information Science*, 21. <https://doi.org/10.1177/0961000618759592>
- Schneeweis, A. (2017). The Imagined Backward and Downtrodden Other. *Journalism Studies*, 19(1), 1-20. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2017.1331708>
- Schneeweis, A. & Foss, K. A. (2017). "Gypsies, Tramps & Thieves": Examining Representations of Roma Culture in 70 Years of American Television. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 94(4), 1146-1171.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social II*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Teixeira, R. C. (2008). *História dos ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos.
- Tremlett, A. (2017). Visualising everyday ethnicity: moving beyond stereotypes of Roma minorities. *Identities*, 24(6), 720-740. <https://doi.org/10.1080/1070289X.2017.1379927>

- Trindade, Z. A., Santos, M. F. S. & Almeida, A. M. O. (2011). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais – 50 anos* (pp. 41-75). Brasília: Technopolitik.
- Villano, P., Fontanella, L., Fontanella, S. & Di Donato, M. (2017). Stereotyping Roma people in Italy: IRT models for ambivalent prejudice measurement. *International Journal of Intercultural Relations*, 57, 30-41. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2017.01.003>
- Villas Bôas, L. P. S. (2010). Uma abordagem da historicidade das representações sociais. *Cadernos de Pesquisa*, 40(140), 379-405.
- Villas Bôas, L. (2015). História, memória e representações sociais: por uma abordagem crítica e interdisciplinar. *Cadernos de Pesquisa*, 45(156), 244-258. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143290>
- Vinet, E. & Moliner, P. (2006). Assymétries de la fonction explicative des représentations intergroupes hommes/femmes. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 69(1), 47-57.
- Wachelke, J. F. R. & Camargo, B. V. (2007). Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Interamerican Journal of Psychology*, 41(3), 379-390.
- Zammuner, V. L. (1998). *Tecniche dell'intervista e del questionario*. Bologna: Il Mulino.

Nota sobre os autores

Mariana Bonomo possui Graduação e Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. Atualmente, é docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento, na linha de pesquisa de Processos Psicossociais, na Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. E-mail: marianadalbo@gmail.com

Giannino Melotti possui Graduação em Pedagogia e Doutorado em Psicologia, na Universidade de Bolonha/Itália. É docente do Departamento de Ciências da Educação na Universidade de Bolonha/Itália. E-mail: giannino.melotti@unibo.it

Lorena Schettino Lucas é Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na Universidade Federal do Espírito Santo. Docente do Colegiado de Psicologia da Faculdade Multivix de Vila Velha e na



Escola Técnica de Saúde do Espírito Santo (ETESSES) – ES, Brasil. E-mail: lorenaschettino@hotmail.com

Roberta Rangel Batista é Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGP/UFES). É Coordenadora de Curso e Docente no Colegiado de Psicologia e Pedagogia da Faculdade Multivix Serra/ES, atuando também como Docente na Pós-Graduação EAD. E-mail: roberta.ufes2012@gmail.com

Greicy Kelle de Andrade Cardoso é Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. E-mail: greicy.kelle@gmail.com

Isabele Santos Eleotério possui graduação em Comunicação Social/Jornalismo e em Psicologia, mestrado, doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente, é docente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Espírito Santo / UNESC. E-mail: isabele_se@yahoo.com.br

Data de recebimento: 1º de abril de 2020.

Data de aceite: 31 de julho de 2020.